

DANTAS E HATOUM: REGIONALISMOS E REGIONALIDADES NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Patrícia Valéria Vieira da Costa¹ (UEPB)

Eli Brandão da Silva² (UEPB)

RESUMO: Este artigo tem por finalidade versar sobre questões de regionalismo e regionalidades na Literatura Brasileira Contemporânea. Objetivamos evidenciar, em meio a uma rede de produções diversificadas que multifacetam a literatura atual, a persistência da literatura regionalista por meio da regionalidade, no que refere às marcas da região como uma representação simbólica que reconfigura a reflexão sobre o homem. Para tanto, faremos uso de duas romances regionalistas, a saber, *Sob o peso das sombras* (2004) e *Dois Irmãos* (2000), de Francisco José Dantas e Milton Hatoum, respectivamente. Enfatizaremos, assim, as produções literárias que partem da ambientação do lugar de origem/pertença, e que, por meio dela, recriam e/ou ressignificam o modo de representar o outro. Como meio de fundamentar a discussão, traremos a contribuição de teóricos e críticos como Chiappinni (2013), Galvão (2000) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Regionalismo. Regionalidade. Literatura Brasileira.

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre regionalismo não é novidade. Nas diversas manifestações culturais e aqui, no âmbito literário, muito já foi debatido sobre o percurso pelo qual essa tendência³

¹ Mestranda em Literatura e Interculturalidade do Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba.

² Professor Dr. do Programa Programa de Pós Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba.

³ Termo elaborado em resposta a reflexão de que o regionalismo não está restrito à manifestação regionalista de 1930. A ideia de que a produção regionalista perfaz um percurso na literatura brasileira, configurando uma

passou, e principalmente sobre sua continuidade (ou não) na Literatura Contemporânea. Território de contestações, como afirma a autora Regina Dalcastagnè, a Literatura Brasileira tem se tornado um rico solo para a representação da outridade, mesmo que muitas vezes não legitimada. O espaço da literatura atual é, quase sempre, urbano, e, usando-se do exemplo do autor Francisco José Dantas, a autora afirma:

Assim, o espaço da narrativa brasileira atual é essencialmente urbano, ou, melhor, é a grande cidade, deixando para trás tanto o mundo rural quanto os vilarejos interioranos. (...) Não se está querendo dizer aqui que não se escreva (ou não se escreverá) mais nos moldes regionalistas. Bastaria citar Francisco José Dantas de *Coivara da memória* (1991), ou *Cartilha do Silêncio* (1997), para derrubar essa tese. Acusado de ser regionalista, defendido por ser regionalista, Dantas aparece mesmo como uma voz isolada dentro de um contexto literário que não se quer mais regionalista. (Dalcastagnè, 2012, p. 110)

A indicação da autora de que o contexto literário atual não se quer mais regionalista, nos imputa uma questão: Não seria o meio urbano uma nova maneira de configurar o regionalismo? A pertinência dessa pergunta parte da reflexão originada de produções literárias contemporâneas como as de Francisco José Dantas, mais uma vez. Dalcastagnè (2012), ao estabelecer seu argumento, utiliza-se de obras desse autor, arraigadas ao solo rural, mas omite o fato de o mesmo autor produzir romances ambientados em solo urbano, como *Sob o peso das sombras*, por exemplo. A construção literária contemporânea de espaços, microregiões dentro de uma grande região (as casas, bairros, favelas, etc.) mesmo que predominantemente urbana, não exclui a possibilidade criadora de partir de determinado espaço, com suas particularidades culturais, para atingir reconfigurações simbólicas, universais⁴.

A representação da outridade, que para Dalcastagnè (2012) configura o elo que correlaciona as produções literárias contemporâneas, é marcada na persistente literatura regional não mais pelos seus antigos rótulos, ou como a autora prefere, pelos seus antigos “moldes”. A “nova” configuração regionalista entra em cena como uma forma de representar o outro deslocado, perdido, que não se encaixa nas configurações atuais da sociedade, ou

tendência, e de que ela superada em seus limites restritos é uma discussão proposta por Ligia Chiappinni em *Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura* (1995).

⁴ O termo *universal* é utilizado aqui no sentido atribuído por Ligia Chiappinni em *Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura* (1995), quando considera que universais são as obras regionalistas que atingem um nível simbólico, mesmo estando em determinado espaço fechado.

mesmo do outro que sente a necessidade de rememorar, por meio da narração ou mesmo por meio da própria escrita, os ambientes do passado que influenciaram na sua atual constituição. Em outras palavras, podemos dizer que a literatura regionalista na contemporaneidade promove, independente da localidade específica (rural ou urbana), a ambientação de determinada região, macro ou micro, como um meio de simbolicamente representar o homem contemporâneo e suas problemáticas, por vezes, existenciais.

Nesta perspectiva, encontramos nos autores Francisco José Dantas e Milton Hatoum, a oportunidade de estabelecer uma discussão entre duas obras regionalistas contemporâneas que, por meio da regionalidade, extrapolam os limites da região *per se*. Para tanto, faremos um recorte de análise e interpretação dos romances *Sob o peso das Sombras* e *Dois Irmãos*, dos respectivos autores, na procura por traços de regionalidade que imputem essa nova maneira de ser fazer regionalista.

2 REGIONALIDADE E ESPAÇOS DA MEMÓRIA

2.1 *Sob o peso das sombras*: memória e lugar de pertença

Nascido no estado de Sergipe, no ano de 1941, Francisco José C. Dantas é professor aposentado de literatura brasileira e portuguesa pela Universidade Federal de Sergipe. Como escritor, seu romance inaugural teve como título *Coivara da Memória*, publicado em 1991. Daí por diante, Dantas elaborou outros romances como *Cartilha do Silêncio* (1991), *Sob o peso das Sombras* (2004), *Cabo Josino Veloso* (2005), e outros. Dentre os diversos aspectos que consagram esse escritor no campo da Literatura Brasileira Contemporânea, uma de suas marcas mais evidentes é o empenho em elaborar escritas com um teor regionalista.

Como dizem críticos como José Paulo Paes (1991), Dantas tem a preocupação em reatar fios da memória já desgastados pela “tesoura da moda”, além de presentificar a escrita regional na contemporaneidade de maneira a atualiza-la, ou seja, partindo da ambientação regional para reflexões sobre o homem e sua condição finita. Como cita Maria Lúcia Dal Farra, em relação às críticas construídas sobre Dantas: “Agregam-lhe uma mão muito original [...] trabalhando uma tradição nordestina, provando assim que ela continua viva latejante, a vai relendo pessoal e intransferivelmente, explicitando que tal linhagem pode oferecer à literatura nacional uma dimensão diversa e ainda mais fecunda.” (DAL FARRA, 2010, p. 18).

Esta dimensão diversa e fecunda dessa linhagem – ou seja, que insere este autor na tradição inscrita em uma tendência da nossa literatura –, para utilizar os termos cedidos por Dal Farra, são, dentre outras formas, manifestadas nos Romances de Dantas por um fio que as

liga: a raiz memorialística. É por meio da memória, ou mais especificamente pelo ato de rememorar, que os personagens “dantescos” reatam os fios do passado, reconstituindo a sua vivência, sua terra e as ações que desaguam no presente como consequência das escolhas anteriormente feitas. É exatamente nessa reconstituição memorialística que encontramos em Dantas a renovação do fazer regional, ao propor a terra não por meio descritivo ou exótico, como por muito tempo foram caracterizadas as obras de cunho regionalista, mas sim pela capacidade de, por meio da memória, reconstituírem espaços simbólicos do homem, representando seu vivido e todas as cargas que o fizeram ser o que é no presente.

Em *Sob o peso das Sombras*, temos uma personagem que busca, por meio da escrita, se libertar dos fantasmas do passado. Acometido de um câncer, o narrador-personagem Justino Vieira refaz o percurso de sua vida, no intento de materializar, por meio da escrita, seu fracasso e os motivos os quais o fizeram assim ser. A intenção de escrever é revelada por motivos, como observamos nesse trecho: “Meu tentame era apreender, de algum modo, a alma secreta da paisagem e da penúria onde vivi alguns anos, qualquer dado ou lembrança, mesmo nebulosos ou difusos, que me ajustassem a retratar algumas que ainda revejo, socadas na minha infância” (DANTAS, 2004, p. 45)⁵

A intenção inicial de Justino, em “dar voz ao passado”, nos leva para as memórias de sua origem, no Alvide, um pequeno povoado. Lugar abandonado pelo progresso, esquecido pelo governo, esse local fora fonte das primeiras revoltas de Justino. O que percebemos, desde início, é o intento de Justino em fusionar o lugar de origem e suas intempéries com o destino do ser que de lá surge: “Êta lugarzinho largado às pulgas esse nosso. Só aí me dei conta do quanto nasci miserável, da fatalidade de minha vida. Me revoltei, xinguei o Governo de peste, me senti injustiçado” (p. 91)

Este lugar, para Justino, é o ponto de origem e o ponto final da vida de seus filhos. Os que de lá surgem só possuem duas opções de vivência, que apontam a intensidade do lugar perante seus moradores. A primeira é a permanência vitalícia no mesmo, pelos que não se imaginam fora do seu lugar de nascença:

A grande maioria dessa minha rapaziada conterrânea, cujo domicílio vitalício era apenas o Alvide, agia assim: se poupava do desconforto de uma existência sacudida por inóspitos abalos, viagens tumultuadas; evitava a sensação de desamparo que acomete a gente em terra alheia (...) Se subtraíam a tudo isso, sem abdicar do mesmíssimo e último cabedal almejado por desbravadores das filosofias, tesouros e

⁵Neste subcapítulo, as citações que estiverem sem autor e ano referem-se a *Sob o peso das Sombras* (2004), de Francisco José Dantas.

impérios: o repouso derradeiro na paisagem conhecida do pequeno cemitério, a poucas braças de onde haviam soltado o primeiro berro do útero para o mundo. (p. 84-85)

A outra opção, tomada como uma exceção ao rito comum de permanecer na terra de origem, é desbravar outros lugares. Tomados por uma alma cigana, Justino considera que os que de lá partem podem até atingir seus objetivos, galgar novos espaços, mas nunca conseguirão livrar-se de seu lugar primeiro, como se a força do retorno fosse algo inexorável mesmo que por meio de mecanismos da memória: “Vale frisar, sim, que uma vez em terra estranha (...) eles jamais esqueciam o chãozinho do berço, ainda que um dia fosse banido do mapa em nome da civilização. (...) O chamado da primeira infância era uma tentação que se eternizava.” (p. 85)

Essa segunda opção parece ser a justificativa de Justino para visitar o seu lugar de origem em seus escritos. Isto porque, irrequieto com as desgraças e o abandono de sua terra, o marasmo e a rotina cotidiana (e o pouco diferencial de vida que esta oferecia) o maior anseio de sua pequena vida, enquanto adolescente, era partir do Alvide. Desejo esse concretizado ao perder o tio Melenguê, seu único tutor, e precisar ir morar em Rio-das-Paridas com seu padrinho, o Padre Belizário. Justino consegue, nesta pequena cidade, estabelecer uma família, ter uma profissão, ver o progresso se concretizar aos poucos. Rio-das-paridas passa a ser o seu lugar de pertença e o Alvide, um lugar de retorno memorialístico, um refúgio que ao mesmo tempo é o seu algoz, por representar para ele um lugar fracassado, que metaforicamente indica o seu próprio fracasso.

A ciência de que o Alvide é memória, mas não é retorno, é justificada por Justino, enquanto escritor, por meio de exemplos de poetas que louvam sua terra. Com a ajuda dos “Grandes”, como *Ciro dos Anjos* e *Eça de Queiroz*, Justino afirma:

Vejam, por exemplo, que todos esses escritores encarecem e mitificam a própria terra, mas raríssimas vezes, e só em visitas passageiras, agendadas para receberem alguma homenagem, algum deles voltou lá. Nenhum do eminentes se prestou a morrer onde nasceu. (...) embutida na aclamação da própria terra, há muito mistério e lorota. (, p. 88)

Colocamos aqui Rio-das-Paridas como o lugar de pertença do narrador, por ser nesse ambiente em que o mesmo sente-se fazer parte. Esta ciência é salientada pela narração de seu retorno ao Alvide para uma visita. Não encontrar lá as imagens que preenchiam o seu imaginário, faz com que Justino retorne o mais rápido possível para casa, para o seu lugar. No entanto, o Rio-das-paridas “de ontem” também é um lugar de revisitação para o narrador. Ao

se pegar condenando as mudanças apregoadas pelo tempo, Justino remonta o passado, no momento em que se muda para uma das ruas de Rio-das-paridas, já com a sua esposa, Damarina. Este retorno serve de justificativa (paradoxal, posto que o narrador, a princípio, louva o progresso, ao condenar seu local de origem) para Justino condenar os avanços econômicos pelos quais sua cidade passou e tem passado, principalmente com a chegada de uma fábrica de cerâmicas:

Quando me mudei para cá com Damarina, final da década de 1960, era uma rua sossegada: Havia quintais de fundo e jardins cheirando nas fachadas de platibanda ou nos bangalôs de quatro águas. Com a chegada das primeiras escavadeiras, tratores e viaturas pesadas, porém, fui obrigado a conviver com a poeira, o barulho, a combustão do diesel, a fumaceira que empretece as nuvens e me prejudica as horas de leitura (p. 141)

O progresso, para Justino, é alguma coisa “agressiva e barulhenta”, que roubou dos moradores de Rio-das-paridas a passividade de um lugar calmo, com ares limpos. Resta, para esse personagem, enquanto definha por meio da doença, rememorar os momentos de antes, numa revolta resignada pelas mudanças com as quais ele nada pode fazer: “não vejo mais o enorme e sombreado pé de sapoti, que refrescava o bate-papo e o bom convívio da rapaziada (...) em seu lugar, avisto um bloco de cimento armado, o escritório da Cerâmica Central.” (p. 145).

2.2 *Dois irmãos: a memória e a casa*

Natural de Manaus, Milton Hatoum foi professor de Literatura na Universidade do Amazonas e na Universidade da Califórnia. Como romancista, o escritor lançou obras com os títulos *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), dentre outros, que lhe renderam vários prêmios, como o reconhecido prêmio nacional Jabuti. Considerado por pesquisadores como Donizeti Pires, o autor de maior relevância da literatura Brasileira Contemporânea, Hatoum problematiza “dilemas universais humanos (as relações familiares e sociais degradadas, sobretudo), sempre se valendo de técnicas narrativas sofisticadas.” (PIRES, 2008, p. 61).

Ambientado em Manaus, por meio de um núcleo familiar de origem libanesa, *Dois Irmãos* é considerado um romance regionalista⁶, apesar de, como afirma Pires (2008), o mesmo não caber nos limites restritos do regionalismo, nem do passado, nem do presente. Alfredo Bosi, ao tecer suas considerações sobre Hatoum, relata sua surpresa em encontrar nos romances do escritor mais do que a simples e óbvia ambientação de determinada região, ou mesmo da repetição temática, como vemos:

Quem supunha, por exemplo, que da Amazônia só nos viessem episódios de seringueiros ou de índios massacrados, por certo recebeu com surpresa o texto em surdina de Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente* (1989), em que a vida de uma família burguesa de origem árabe, enraizada em Manaus, se dá ao leitor como um tecido de memórias, uma sequência às vezes fantasmagórica de estados da alma, que lembra a tradição do nosso melhor romance introspectivo. (BOSI, 2013, 466)

A mesma impressão que Bosi aponta mediante *Relato de um certo oriente*, pode ser atribuída a *Dois Irmãos*. Nele, nos percebemos em Manaus, por meio das andanças do narrador: “Aos domingos, quando Zana me pedia para comprar miúdos de boi no porto da Catraia, eu folgava um pouco, passeava ao léu pela cidade (...) Depois caminhava pelas praças do centro, ia passear pelos becos e ruelas do bairro da Aparecida (HATOUM, 2000, p. 80-81)⁷. Entretanto, ao adentrarmos com mais profundidade ao romance, percebemos que o plano de fundo amazonense é, dentre outras coisas, um macro espaço físico que comporta espaços subjetivos construídos no decorrer do romance.

O desenrolar da narrativa nos vai inserindo no ambiente da casa, núcleo da família relatada, e aos poucos vai expondo a densidade metafórica dessa em relação aos seus habitantes. Por isso, talvez, sejamos iniciados na leitura do romance com o sugestivo poema de Drummond: “A casa foi vendida com todas as lembranças/todos os móveis todos os pesadelos/ todos os pecados cometidos ou em vias de cometer...”. Esse local em específico possivelmente é o real solo pelo qual os personagens estão imbricados. É comum, durante a narrativa, nos depararmos com situações que detalham os ambientes da casa, mas que revelam situações que, no futuro, resultarão na desestruturação familiar, e que, por isso mesmo, são

⁶ Tania Pelegrini, em *Regionalismo revisitado* (2004), aufere aos romances de Hatoum a possibilidade de serem nomeados como ficção regionalista por representarem um espaço real, ao mesmo tempo que simbólico, indicando relações de identidade, cultura e subcultura, sistemas sociais e etc., que são particulares em detrimento a outras regiões.

⁷ Neste subcapítulo, as citações que estiverem sem autor e ano referem-se a *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum.

remontadas na costura narrativa feita por Nael, como vemos: “Desse tumulto participava Halim, que vendia sem prosperar muito, mas atento à ameaça da decadência, que um dia ele me garantiu ser um abismo. Não caiu nesse abismo, nem exigiu de si grandes feitos. O abismo mais terrível estava em casa, e este Halim não pôde evitar.” (p. 41)

Outra característica marcante dos romances de Hatoum é o seu teor memorialístico. Os retalhos (posto que a história não é dada de maneira linear) são costurados por narradores que, como coloca Dalcastagnè (2007, p. 75) quanto às produções contemporâneas, são suspeitos, exigindo um compromisso do leitor, se for intenção deste perceber as reais intenções daquela narrativa. Em *Dois irmãos*, em específico, temos a narração feita por um narrador-testemunha, Nael, que perfaz toda a história decadente de sua família, desde a origem do casal nuclear, Halim e Zana, às intrigas dos herdeiros Omar e Yakub, e os envoltivos misteriosos de sua mãe, Domingas, a empregada da casa e de Zânia, irmã dos gêmeos, por meio de relatos paralelos que guardou em anos de escuta, além de trechos de sua própria observação. Entre seus tecidos narrativos, percebemos aos poucos a necessidade do narrador em reconstituir os fios do passado, para compreender sua própria condição bastarda, de indivíduo à margem da sociedade e, principalmente, à margem de sua própria família.

Para o narrador, remontar o passado significava reunir informações que pudessem revelar sua origem, o seu pertencimento. Daí se valer dos retalhos de lembranças fornecidos por sua mãe, Domingas, mesmo que de maneira pouco reveladora:

Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yakub. (...) Vivia atenta aos movimentos dos gêmeos, escutava conversas, rondava a intimidade de todos. Domingas tinha essa liberdade, porque as refeições da família e o brilho da casa dependiam dela. A minha história também depende dela, Domingas. (p. 25)

Além disso, na tessitura feita por Nael, encontramos a contribuição de Halim para a reconstrução do passado, por meio de suas conversas rememorativas com o neto bastardo: “Ele me fazia revelações em dias esparsos, aos pedaços, ‘como retalhos de um tecido’. Ouvi esses ‘retalhos’, e o tecido, que era vistoso e forte, foi se desfibrando até esgarçar.” (p. 51-52). Assim, as memórias reconstruídas por Nael nos apontam para o ambiente da casa, como dito anteriormente. Ela é o ponto de convergência dos muitos conflitos da família, e, mais que isso, é o lugar de retorno para todos que a ela pertencem. Como exemplo, temos na personagem Omar, (o caçula, problemático) uma amostra do poder da casa perante seus moradores. Omar, desde o princípio, apontava para a personalidade complicada, que impacientava o pai, e cegava a mãe: “Omar era o mais ousado: entrava no quarto dos pais

durante a sesta e dava cambalhotas na cama até expulsar Halim. Só se aquietava quando Zana saía o quarto para brincar com ele no quintal. Os dois sentavam à sombra da seringueira...” (p. 69). Durante toda a sua vida, enquanto o irmão viajava e/ou desvendava outras localidades, Omar se deixava levar pelos mimos da mãe e de Domingas, e se rendia às tardes preguiçosas, estendido na rede posta na varanda da casa. Se por algum motivo daquele lugar se afastava, mesmo quando observamos a tentativa de juntar-se ao irmão em São Paulo, cometia erros que o forçavam a regressar àquela casa. Quando persistia em habitar outros lugares, mudando por completo o modo de agir, tornando-se quase outra pessoa, era arrastado pela mãe de volta ao lar, e mesmo com uma aparente revolta, se rendia aos laços daquele lugar (e de sua mãe) perante ele:

“...Eu não ia permitir...nunca! Ouviste bem? Nunca!” Ela abaixou a voz e sussurrou, dócil, tristonha: “Tens tudo aqui em casa, meu amor”. Começou a soluçar, a chorar. Pegou nas mãos dele, penteou-lhe a barba grisalha com os dedos, alisou-lhe a careca feridentada. Os dois, abraçados, foram para o alpendre. (...) Perdeu o espelho precioso, mas ainda assim suspirava de felicidade porque o filho estava ali, queimado por dentro, mas agora só dela. (p. 173-174)

A casa, para Omar, foi o ambiente do qual ele nunca pôde se desvencilhar por completo. No entanto, é em Domingas que percebemos a real intensidade da casa na constituição do personagem. Nascida numa tribo de índios amazonenses, Domingas foi cruelmente arrastada para fora de seu lugar de origem, tendo, por consequência, que conviver com um novo lugar, com uma cultura totalmente diferente da sua. No convento, essa personagem teve a oportunidade de conhecer Zana, e ser “adotada” por ela. A nova cultura imposta a Domingas foi o que, de fato, a ligou a patroa, como vemos: “Zana gostou dela. As duas rezavam juntas as orações (...) Halim sorriu ao comentar a aproximação da esposa com índia. ‘o que a religião é capaz de fazer’, ele disse. ‘Pode aproximar opostos, o céu e a terra, a empregada e a patroa’” (p. 64-65). Além disso, essa ação mostra o processo de mudança pelo qual essa personagem estava passando.

Mesmo com toda a sua importância perante aquele núcleo familiar, Domingas e o filho sempre tiveram um tratamento inferior perante os outros. O quartinho dos fundos era o lugar reservado para estes, o real lugar de pertencimento destinado à empregada e ao seu filho não reconhecido: “Nós esperamos até tarde da noite. Minha mãe e eu no nosso quarto dos fundos. Rânia e Zana no andar de cima.” (p. 212). Domingas passou a pertencer àquele ambiente, mesmo com sonhos de liberdade: “‘Louca para ser livre’. Palavras mortas. Ninguém se liberta

só com palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando sempre com uma liberdade sempre adiada” (, p.67). Ela já não tinha motivos nem forças para se desvencilhar da casa, principalmente após ser violentada por um dos gêmeos, Omar, e ter, a partir de agora, um filho bastardo proveniente daquela família.

Esse pertencimento de Domingas a casa fica ainda mais evidente num episódio em que, enfim, ela decide, por enfado da rotina comum, sair daquele ambiente e visitar seu lugar do passado juntamente com o filho. Ao retornar para a vila onde nascera e vivera durante a infância, Domingas tornou-se, segundo o narrador, sombria. O retorno ao passado imputou a essa personagem a lembrança, como coloca Nael: “Não quis assistir o casamento (...) minha mãe tinha medo de chegar tarde em Manaus. Ou, quem sabe, medo de ficar ali para sempre, sôfrega, enredada em suas lembranças.” (p. 78). Entretanto, lembrar não foi o suficiente para fazer com que Domingas se libertasse do seu atual lugar de pertença. A cena do vômito no barco, reação de Domingas e Nael na hora do retorno à Manaus, só metaforiza a real sensação de mal estar acometido pelo afastamento de seu lugar de pertencimento. O retorno era inevitável. A “cunhatã mirrada” já não era mais cunhatã. Seu lugar já não era mais aquele, nem o dela nem o do seu filho.

3 REGIONALIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O REGIONALISMO LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Segundo a pesquisadora Maria Zilda F. Cury, é característica de um dos conjuntos das produções literárias contemporâneas a preocupação em enfatizar “mecanismos da memória, tingidas por interpretações da história do país, pondo em relevo estratégias ficcionais de recuperação da memória coletiva e histórica, mas também da pessoal, em que se mesclam o local e o nacional, o particular e o universal.” (CURY, 2007, p. 11). É exatamente o que acontece quando nos debruçamos sobre as duas obras acima trabalhadas: percebemos a utilização da memória para recriar espaços físicos, que, pelo tempo, tornaram-se subjetivos. Esta capacidade que as literaturas em foco fornecem nos faz refletir sobre o lugar da regionalidade como o meio simbólico de reconfigurar um vivido, partindo de uma determinada região.

Os aspectos pertinentes aqui analisados demonstram, na prática, a desconstrução de certos “estereótipos” regionalistas. Num olhar mais acurado, perceberemos que não tratamos aqui de duas narrativas rurais, pelo contrário. Ambas são concretizadas em solo urbano (*Sob o peso das sombras* no Rio-das-Paridas e *Dois irmãos* em Manaus) e é exatamente nessa

macrorregião da cidade que as regiões se configuram. Por meio de descrições, os ambientes são reformulados, nas obras em questão, pela memória, como forma de reconfigurar um vivido, de expor os meios pelos quais as personagens tornaram-se o que são no presente.

Essa regionalidade que as une rompe com as fronteiras das características regionais, em termos literais. O que antes se entendia por literatura do “nordeste”, por exemplo, por compreender que esta descreve características que constituem aquele determinado espaço, torna-se pouco, perante as reflexões que os dois romances analisados por este trabalho proporcionam. Ambos partem das imagens sociais e históricas para atingir um “teor simbólico”, nos termos de Chiappinni (2013). Para ratificar essa marca basta-nos observar as descrições localistas realizadas tanto em *Sob o peso das sombras*, quando Justino Vieira, por meio da memória, remonta seu lugar de origem, bem como o Rio-das-Paridas do passado; quanto em *Dois Irmãos*, quando Nael remonta a Manaus por ele percorrida, além do detalhamento dos espaços da casa, dentre outras localidades. A descrição das regiões, nos dois romances, é a responsável por ativar os mecanismos da memória de ambos os personagens, e por é por meio dela que os indivíduos reconfiguram simbolicamente a existência, rompendo assim com as barreiras que poderiam impedir a correlação entre produções literárias de diferentes regiões.

A regionalidade, por meio dos mecanismos da memória, nesses termos, é responsável por unir numa mesma reflexão existencial as duas narrativas. *Em sob o peso das sombras*, temos o retorno ao lugar de origem, como um meio de metaforizar a constituição do narrador por meio das características do lugar (O Alvide fracassado, o Justino Fracassado), além do retorno memorialístico ao seu lugar de pertença (O Rio-das-Paridas), pelo saudosismo da paisagem passada em detrimento a o desgaste trazido pelo progresso. Em *Dois Irmãos*, a Manaus de outrora é reconstruída pelo narrador Nael, mas é na rememoração dos espaços da casa que reconhecemos os reais lugares de pertencimento das personagens.

Podemos, por fim, concluir que as produções literárias regionalistas se fazem presente na Literatura Brasileira Contemporânea. Quer seja na ambientação rural, quer seja na ambientação citadina, o que de fato marca a sua presença e evidencia a continuidade da temática regional na atualidade é a maneira como essa tendência se renova, ao utilizar os espaços físicos como um meio metafórico de simbolizar a região e de correlaciona-la à constituição do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. Tendências Contemporâneas. In: _____. (Org.). *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 409-526.

CHIAPPINNI, L. Regionalismos e regionalidades num mundo supostamente global. In: MACIEL, D. A. V (Org.). **Memórias da Borborema**. Campina Grande: Abralic, 2013, p. 21-64

_____. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, p. 153-159, 1995.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas Geografias narrativas. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, p. 7-17. 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: Um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.

DANTAS, Francisco José Costa. **Sob o peso das sombras**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares: Letras e Humanidades**. Caxias do Sul, v.2, p. 02-24, 2010.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PAES, J. P. **No rescaldo do fogo morto**. *Cultura* (Suplemento de *O Estado de São Paulo*), São Paulo, p.2, 07 jul. 1991.

PELEGRINNI, T. Milton Hatoum e o regionalismo reiventado. **Luso-Brazilian Review**. Madison, v. 41, p. 121-138, 2004.

PIRES, Antônio Donizeti. Trilhas do Romance brasileiro da segunda metade do século XX. **Itinerários**. Araraquara, v.7, p. 47-64. 2008.